



Respostas do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a perguntas de empresários durante o World Economic Forum on Latin America

São Paulo-SP, 06 de abril de 2006

Jorge Gerdau Johannpeter: Senhor Presidente, durante este seminário ficou acentuada a preocupação de investimentos na infra-estrutura, principalmente, e eu penso que, em grande parte, o senhor já colocou. Mas a verdade é que o Brasil e a América Latina têm crescido a uma taxa média abaixo de 22,5% nos últimos 20 anos. A disponibilidade efetiva de recursos para investimentos tende a zero. O que poderemos fazer, senhor Presidente, considerando que a carga tributária está próxima a 40%, para que sejam viabilizados os recursos destinados a investimentos em infra-estrutura, para elevar a competitividade empresarial na economia global?

Presidente: Ora, meu caro Gerdau, você que tem sido parceiro, não meu, mas um parceiro deste país, ao longo de tantos anos, na tentativa de consertar o país, sabe que não é o meu governo que tem culpa da carga tributária estar onde está, sabe que nós herdamos isso. E sabe que poucas vezes, na história do país, houve a política de desoneração que estamos fazendo agora. Nós desoneramos exportações, nós desoneramos bens de capital, nós acabamos de anunciar um pacote desonerando 38 produtos da construção civil, nós desoneramos a cesta básica de alimentos para que o povo pobre possa comer mais e melhor, nós desoneramos insumos agrícolas, nós desoneramos a modernização dos nossos portos, equipamentos e coisas que são compradas, nós desoneramos a importação de produtos, de instrumentos, computadores e máquinas para que os nossos pesquisadores possam ter acesso às coisas mais modernas. E vamos desonerar.



Obviamente que você não pode abdicar, de forma tão rápida, daquilo que você tem, até porque nós precisamos colocar alguma coisa no lugar quando a gente desonera um produto. O resultado, o que nós queremos provar com isso – e esta semana o Furlan participou comigo do Encontro da Construção Civil, poucas vezes eu vi um setor tão satisfeito com a desoneração como o setor da construção civil – é que nós vamos continuar desonerando outros setores da sociedade, é preciso desonerar.

Agora mesmo, estamos pensando em criar uma linha para facilitar a venda de caminhões e renovar a nossa frota de caminhões que está, em média, com 18 anos de vida. É uma média longa, nós precisamos renovar. Estamos pensando em criar uma linha de financiamento para que as prefeituras brasileiras possam comprar máquinas, retroescavadeira, trator, para que elas possam fazer as coisas que têm que fazer.

Você viu o anúncio do que nós estamos fazendo com a venda de remédios para a população brasileira. Acabamos de criar um modelo de farmácia popular, onde vendemos remédios para diabetes e para a hipertensão – e aqui nesta sala deve ter muita gente hipertensa, sobretudo quando se lê o jornal de manhã ou se vê o quanto cresceu a Bolsa ou caiu a Bolsa, ou quando vê a taxa de juros.

Pois bem, agora no Brasil, mesmo vocês, estrangeiros, sem ter que mostrar nenhum documento, podem ir numa farmácia. Se alguém toma insulina e gastava, por mês, 111 reais, agora vai gastar apenas 11 reais por mês; se alguém comprava remédio e gastava 37 reais por mês para combater a hipertensão, agora o mesmo remédio que custava 37 vai ser comprado por apenas por 3 reais e 70 centavos. Ou seja, nós estamos fazendo isso porque nós acreditamos que o Brasil chegou ao ponto de que não pode mais aumentar a sua carga tributária. Foi apenas um parêntese que eu queria que vocês entendessem, no Brasil, quando nós falamos de carga tributária. Nós temos uma pequena divergência de nuance aí e, certamente, o Moreno vai ser meu



parceiro para defender o Brasil no mundo.

Aqui, no Brasil, fala-se do aumento de carga tributária quando aumenta o arrecadado em relação ao PIB, não quando se aumenta as taxas de impostos, ou seja, nós, no ano passado, tivemos um crescimento da arrecadação, no Brasil, porque a verdade é que tivemos um crescimento enorme do lucro das empresas.

Pela primeira vez no Brasil as empresas passaram os bancos. Pela primeira vez no Brasil nós tivemos empresas tendo mais lucros do que os bancos. E as empresas pagaram muito Imposto de Renda, portanto, o Estado arrecadou mais do que a gente precisava e, por isso, fizemos muita desoneração.

A nossa idéia, Gerdau, e você sabe disso, é que toda vez que aumentar a arrecadação a gente pretende devolver parte dessa arrecadação, desonerando os setores que consideramos importantes para o desenvolvimento da nossa economia. E isso vai ser uma constante, não é apenas um pensamento meu, você sabe que é um pensamento de todas as pessoas do governo que você conhece. E eu digo sempre, quando me reúno com Meirelles e com o Ministro da Fazenda, que eu e o Furlan (inaudível) uma área produtiva do governo que queremos desonerar, e muitas vezes nós nos batemos com aquilo que nós já temos que pagar. Mas vamos fazer, porque eu sou daqueles, Gerdau, que já em 1992, não era, portanto, governo, eu já era parceiro junto com Aloízio, da construção da Câmara Setorial, em que a gente debatia com o governo de São Paulo a idéia de que se a gente desonerasse os carros, se a gente diminuísse um pouco os impostos, a gente ia vender mais e arrecadar muito mais. Isso aconteceu. Eu sou daqueles que acreditam que na hora em que a gente diminuir mais impostos a gente vai ganhar mais por venda de unidades do que por diminuição do mercado. Nós vamos continuar fazendo.

A infra-estrutura, eu acho que nós vamos ter que ter um crédito de confiança no setor privado brasileiro. Eu acho que é importante os estrangeiros



conhecerem o que significa o Fundo Garantidor que nós criamos para as PPPs. E na hora em que vocês conhecerem o Fundo Garantidor, certamente, vocês não terão medo e nenhuma preocupação de fazer as parcerias necessárias para fazermos investimentos em infra-estrutura.

Eu estou convencido, Gerdau, neste ano dificilmente acontecerá mais alguma coisa de envergadura nessa área, porque estamos entrando num ano eleitoral e, no Brasil e em qualquer parte do mundo, o ano eleitoral é sempre um ano nervoso, um ano delicado. Então, eu não acredito que neste ano a gente faça grandes projetos de PPPs, mas eu posso dizer para vocês que o Brasil está pronto para, nos próximos anos, fazer quantas PPPs forem necessárias nos setores considerados estratégicos.

Imagine você se a gente for construir a Hidrelétrica de Belo Monte? São seis mil megawatts. Imaginem, vocês, se a gente for construir as duas hidrelétricas no rio Madeira? São, praticamente, mais dez mil megawatts. Ou seja, o Brasil vai precisar de parceiros e mais parceiros para que a gente possa não ter dúvidas de que o desenvolvimento não é mais o objetivo de um governo, o desenvolvimento passa a ser uma definição do Estado brasileiro, porque as outras gerações serão mais cobradoras e muito mais exigentes do que nós fomos hoje. E esteja certo, Gerdau, que a infra-estrutura vai receber o carinho.

Este ano, só para você ter idéia, entre o final do ano passado e este ano, entre o PPI e o orçamento, nós colocamos 9 bilhões de reais no Ministério dos Transportes. Não é pouca coisa, se a gente for comparar com o que era gasto nos últimos 20 anos. Ou seja, nós estamos colocando porque achamos que sem isso a gente não se torna um país competitivo, a gente não diminui o custo-Brasil e a gente não aumenta a qualidade das nossas exportações.

Luiz Alberto Moreno: (pergunta em espanhol)



Presidente: Se eu tivesse a solução para dar conselhos, eu iria me transformar num consultor, iria viajar a América Latina vendendo as soluções.

Esse grande brasileiro de que você falou, Moreno, esse grande presidente só foi reconhecido como grande 50 anos depois, porque durante a sua gestão ele comeu o pão que o diabo amassou no Brasil, tal era a quantidade de críticas que ele recebia na época. Depois que a gente morre, você vai ver como você vai ser melhor avaliado.

Olhe, eu penso, meu caro Moreno, que a primeira solução para a América Latina é que os nossos governantes precisam entender que a seriedade não pode ser eventual, ela tem que ser definitiva, e que a gente não pode ficar culpando o imperialismo americano pela nossa miséria, ou a riqueza européia pela nossa pobreza. Nós temos que analisar historicamente o que nós fizemos, como se comportou a nossa classe dirigente no século XX, para que a gente perceba que o nosso problema não está nos outros, o nosso problema está em nós mesmos.

No Brasil, Moreno, de 1998 a 2002, praticamente não se investiu nada em saneamento básico, nada. Nós, nesses três anos, já colocamos mais – o Márcio está aqui – mais de 7 bilhões de reais em saneamento básico. Me desculpem, eu sei que de vez em quando vocês gostariam que o Presidente fosse mais fino nas palavras, mas é que fazer saneamento básico, às vezes, não é politicamente, eleitoralmente correto, porque você enterra manilha, ela está embaixo da terra e ninguém vê. E político latino-americano gosta é de fazer ponte para colocar o nome da família. É isso que dá voto, então, as pessoas fazem isso.

Nós acreditamos que se são verdade os números da Organização Mundial da Saúde que, para cada real investido em saneamento básico nós economizamos quatro na saúde, está claro que não precisa ser inteligente para perceber que fica mais barato investir para a pessoa não ficar doente do que curá-la depois que está doente.



Então eu acho que todos nós aqui, na América Latina, precisamos nos dotar desse compromisso. Aqui no Brasil, o Programa Fome Zero já atende 8 milhões e 700 mil famílias. O que é importante, Moreno, é que aumentou a participação das crianças na escola, porque o Programa tem condicionalidades: as mães são obrigadas a colocar seus filhos, de 7 a 14 anos, nas escolas. E se as crianças faltarem, tem que justificar. As mães são obrigadas a fazer o tratamento médico. Se ela for gestante, ela tem que fazer todos os exames que o ginecologista mandar fazer. A mãe é obrigada a dar todas as vacinas que uma criança precisa tomar.

Então, essas condicionalidades fizeram com que o resultado do PNAD, que foi publicado agora, recentemente, demonstra que melhorou a participação das crianças nas escolas, diminuiu a evasão escolar e diminuiu em 3 milhões o número de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza.

Segundo, nós estamos provando, meu caro Moreno, que é possível ter estabilidade econômica e controlar a inflação, com política social, porque, também na América Latina, muitas vezes nós vivemos um paradoxo de pessoas que dizem que primeiro tem que crescer para depois distribuir. Nós estamos provando que é possível distribuir e crescer concomitantemente, um não exclui o outro.

No Brasil, tem gente que acha que emprestar 3 bilhões de dólares para o Gerdau construir uma grande empresa de aço é investimento, e é. Mas esse mesmo que acha que investir 3 bilhões de dólares no Gerdau é investimento, acha que colocar 7 bilhões de reais para cuidar do pobre é gasto. Eles acham que gastar dinheiro na educação é gasto. E nós achamos que cuidar do pobre é investimento em gente, é investimento de qualidade que dá retorno extraordinário.

Por isso, Moreno, você que agora é Presidente de uma instituição respeitada no mundo, você nos ajudaria se você conhecesse profundamente o que está sendo feito de política social neste país, e se a gente pudesse ajudar



outros países, não a fazer igual, porque certamente tem país fazendo melhor, mas que as pessoas compreendessem que é possível.

Moreno, nós investimos, para o crédito da agricultura familiar neste país, 1 bilhão de dólares em 2003, hoje estamos investindo o equivalente a 4 bilhões de dólares. Isso não gera um emprego novo mas, certamente, gera trabalho a um membro da família.

E eu acho que isso é o que pode-se dizer da forte inclusão, a inclusão cultural que faz o nosso ministro Gilberto Gil; a inclusão educacional, a inclusão digital. O Furlan pode te explicar, depois, o que é o nosso Programa PC Conectado, um Programa que estamos fazendo para vender computador para o povo de baixa renda. Ou seja, se alguém tiver empresa que produz computador, por favor não fique tímido e venha investir no Brasil, porque o povo brasileiro pobre está ávido para comprar computador. Estamos comprando computador para pagar 59 reais por mês de prestação. E quantos colocarem na loja, quantos são vendidos. Engraçado, porque na minha geração, o meu desejo era ter um fusquinha. Está lembrado, Gerdau? Um “mil e seiscentos”, que a gente chamava aqui no Brasil de Fuscão incrementado, não é? Hoje o sonho da meninada não é mais o carro, é o computador. E nós estamos fazendo isso com uma destreza excepcional, com parcerias com empresários.

E veja o que é engraçado, Moreno, o mercado cinza, que modernamente vocês chamam de cinza, mas eu diria contrabando, mesmo, nós estamos perto de atingir um número extraordinário: 70% dos computadores eram do mercado cinza, vamos cair para abaixo de 50%, agora. Isso porque nós transformamos o nosso discurso em prática: industrialização e facilidade de acesso às pessoas.

Terminarei o meu mandato, meu querido Moreno, com todas as escolas públicas brasileiras tendo laboratório de informática. Só não terá em 320 municípios, de quase 6 mil municípios onde, se Deus quiser, vamos tratar de



fazer chegar. Eu acho que a inclusão social, e por isso que eu me ressinto – e o BID poderia fazer um encontro – porque quando se encontram os presidentes da República, a reunião não é tão produtiva, porque cada um quer fazer um discurso político, Moreno. Mas o BID poderia promover um encontro para discutir apenas as experiências bem-sucedidas de inclusão social, que cada país pudesse levar para lá, concretamente, o que fez. Porque se cada um de nós pegar uma experiência bem-sucedida de outro país, quem sabe nós atingiremos as Metas do Milênio em 2015.

Aqui no Brasil, Moreno, eu vou falar só isto para terminar, se você viajar o Brasil vai perceber que numa grande parte do Brasil, sobretudo o Norte e o Nordeste e na periferia das grandes cidades, você vai encontrar jovens de 18 anos, de 19 anos ou de 20 anos sem dentes na boca, porque no Brasil dentista não foi feito para pobres, os convênios de assistência médica não previam saúde bucal. Ou seja, o nosso sistema tratava como uma questão de saúde pública uma unha encravada, mas não tratava a boca como uma questão de saúde pública. Nós estamos criando 400 centros de saúde bucal com tratamento de primeira qualidade, ortodontia, tratamento de canal, prótese, para que uma criança mais humilde da periferia possa colocar o mesmo aparelho que o Presidente do BID coloca para corrigir a sua boca. Isso chama-se inclusão social, isso chama-se inclusão educacional e chama-se a inclusão que você quiser.

O dato concreto é que nós estamos fazendo aquilo que é preciso ser feito, porque senão os nossos jovens estarão proibidos de arrumar uma namorada. Por que não sei como é que alguém arruma uma namorada que não ri. Precisa rir. E se você não tem dentes, não ri. Então, eu acho que essas coisas nós poderíamos fazer. Eu tenho falado muito com os presidentes. Mas cada um tem uma realidade, cada um tem uma cultura. E eu tenho certeza que os presidentes que eu conheço agora estão preocupados com a inclusão social dessa gente e, certamente, nós temos vocês como parceiros para ajudar, para



experiências. E eu quero te dizer que eu estarei à disposição, o Brasil estará à disposição, os seus ministros estarão à disposição para viajar o mundo mostrando as nossas experiências, ensinando aquilo que nós saberemos ensinar e aprendendo aquilo que os outros puderem nos ensinar.

Mas eu partilho contigo do seguinte: não adianta desenvolvimento ou crescimento econômico se junto com esse crescimento econômico não vier o crescimento da melhoria de vida da parte mais pobre da população.

Obrigado.

(pergunta em inglês)

Presidente: A primeira, não apenas o Brasil. Eu costumo falar que o Brasil perdeu meio século. É só pegar o mapa do Brasil que nós vamos olhar que durante 500 anos o nosso crescimento se deu em função da nossa costa marítima, ou seja, em função da nossa relação com a Europa e em função da nossa relação, depois, com os Estados Unidos. E a nossa fronteira seca, que é uma fronteira que vai da Argentina até as Guianas, a gente, durante muito tempo, esqueceu.

Eu digo isso porque como dirigente sindical eu era convidado para viajar o mundo inteiro, eu era convidado para ir ao Japão, ao Canadá, aos Estados Unidos, à Alemanha, França, Itália, Espanha, e nunca fui convidado para ir a um país da América Latina. E nem nós os convidávamos, porque a nossa relação e a deles era com o mundo desenvolvido e não entre nós.

E eu me convenci de que nós seremos muito mais fortes na medida em que nós consigamos nos desenvolver conjuntamente. Eu não creio num Brasil desenvolvido sozinho, cercado de dezenas de países pobres. O que nós teremos serão os conflitos.

Eu creio no desenvolvimento conjunto, um desenvolvimento regional, com infra-estrutura entre os países, interconectando-se para que a gente possa



transitar mercadorias e gente, com todo respeito, como foi feito na Europa, durante esses últimos tempos. Então, acredito nisso.

E para isso acontecer, a primeira coisa que nós temos que fazer é investimento em educação de qualidade. Nós não precisamos apenas de um grande empresário, nós precisamos de centenas de grandes empresários. Nós não precisamos apenas de um engenheiro, mas de milhões de engenheiros. E, por isso, a educação, em todos os níveis de qualidade, é a prioridade número um para qualquer país do mundo que queira se desenvolver.

Segundo, é o investimento que temos que fazer em ciência e tecnologia. Se nós não fizermos investimento, e forte, em ciência e tecnologia, para aproveitar o conhecimento dos nossos doutores espalhados pelas universidades brasileiras, nós também não daremos o salto de qualidade que precisamos dar.

Eu vou dar um exemplo para vocês. Aqui no Brasil, durante muito tempo – eu estou vendo alguns doutores na minha frente –, um cientista brasileiro produzia as suas teses apenas com objetivos acadêmicos. E nós precisamos convencê-los de que a produção científica será muito mais valiosa quando ela sair do papel e se transformar num produto, seja um remédio ou uma máquina. Aí, sim, ela vai significar o desenvolvimento do país.

E a terceira coisa em que nós temos que investir fortemente é melhorar a infra-estrutura da nossa região e do nosso país. Infra-estrutura significa estradas, significa energia elétrica, significa telecomunicações, significa ferrovias, significa portos e aeroportos, porque assim nós seremos competitivos e poderemos exigir que, nas mesas de negociações, os países ricos cedam aquilo que nós temos direito, não porque nós somos pobres, mas porque nós somos iguais a eles. Eu aprendi que nenhum ser humano, numa mesa de negociação, respeita um outro ser humano que não se respeita. Nenhum interlocutor, na sua relação patrão-empregado, na relação chefe de Estado com chefe de Estado, na relação Banco Central com Bancos Centrais, nenhum



interlocutor respeita alguém que não se respeita. E esse tem sido um valor que eu tenho dito a todos os meus companheiros presidentes. Se nós, e o Furlan sabe..., foi a minha experiência em Davos, a primeira experiência de Davos, fizeram um debate ente os países latino-americanos. E quando um presidente começa a falar e a dizer: “eu sou pobre, eu tenho muito analfabeto, tem muita doença, tem muito desemprego, e os países ricos é que são culpados disso”, ninguém leva a sério.

Eu aprendi muito cedo na minha vida que o respeito é bom, todos nós gostamos de receber e de dar. E quando a nossa região levantar a cabeça e negociar em igualdade de condições com os países ricos sem presunção, sem arrogância, com muita humildade, mas com muita perseverança, nós iremos conquistar muito mais do que quando a gente vai choramingando. E eu estou convencido de que nós estamos preparados, estou convencido. Nós estamos preparados para negociar em igualdade de condições para fazer os investimentos naquilo que nós precisamos fazer e para crescer o tanto que nós queremos crescer.

Eu vou lhe dizer uma coisa, na minha primeira reunião com o Primeiro-Ministro do Japão, nosso amigo Koizumi sentou-se à mesa para comer comigo e eu perguntei para ele porque o Japão não comprava manga brasileira. E ele me disse que tinha a tal da mosca da fruta. Certamente, o Koizumi tinha conhecido numa literatura da fruticultura brasileira de 20 anos atrás, ele não tinha noção do que é a capacidade de produção de fruta do Brasil hoje. Furlan estava comigo, mandamos buscar um prato de manga e falamos: Primeiro-Ministro, por favor, experimente a nossa manga. Bom, um mês e meio depois, nós embarcamos o primeiro carregamento de manga para o Japão.

Nós tínhamos um problema de febre aftosa, nós bloqueamos o estado que teve o problema e o presidente Bush veio almoçar na minha casa. Eu falei: Presidente, você vai comer carne, a mesma que eu vou comer. E oferecemos para ele uma carne que eu duvido que ele tenha comido melhor, pode até ter



comido igual. Me telefonou, uma semana depois, dizendo: “ainda não terminei de fazer a digestão, de tanta carne que eu comi no país”.

Sabe por quê? Porque tem muito preconceito contra os países pobres. Nós permitimos que se criassem preconceitos contra nós. Na América Latina, nós somos fantásticos, nós contamos piadas de nós mesmos, não é isso? Nós inventamos piadas de nós mesmos, nós gostamos de falar das nossas desgraças, achando que isso vai sensibilizar alguém. Tem gente que acha que se chegar em Nova Iorque, numa reunião com investidores, e começar a falar: “não, porque no Brasil tem tantos milhões de crianças de rua, porque no Brasil tem tantos milhões de prisioneiros, porque no Brasil tem... Isso vai sensibilizar os investidores e eles vão falar: “vamos colocar o dinheiro no Brasil”.

Nós estamos aprendendo que, se quisermos atrair o investidor para cá, temos que dizer que nós temos uma Embraer que produz avião de qualidade para competir com qualquer país do mundo. Nós temos que dizer que a qualidade da formação dos nossos engenheiros é igual à capacidade de formação de qualquer universidade do mundo. Nós temos que dizer que os nossos criadores de gado, de frango, de suínos, criam com muito mais competência que qualquer país do mundo. Até porque ninguém vai conseguir se casar por correspondência, se ficar falando das suas desgraças. Ou você fala das suas virtudes e convence a parceira a se casar com você, ou ela te convence, ou você vai morrer solteiro.

No caso da relação do Estado é a mesma coisa. O cidadão da América do Sul, do Equador, que para vir ao Brasil fazer negócio tem que ir a Miami, ele faz negócio em Miami. O cidadão da África que para vir ao Brasil tem que ir a Paris, ele faz negócio em Paris. Então, nós é que temos que saber que, sem aviões viajando pelo mundo, sem navios viajando pelo mundo, sem portos, a gente não vai a lugar nenhum. O desenvolvimento regional é importante quando eu falo de infra-estrutura.

Por isso, eu vou repetir para terminar, aqui, porque não tem mais



perguntas e eu também não tenho mais tempo. Muito obrigado, tenham a certeza de que o Brasil não jogará fora a oportunidade do século XXI. Pelo menos, nos próximos 15 anos, nós nos encontraremos pelo mundo aí. Eu, como consultor do BID, para vender boas idéias.

Eu ia contar uma piada de um consultor, mas não vou contar não, porque eu não sei quantos consultores tem aqui. Mas, de qualquer forma, muito obrigado.